

CENÁRIOS FUTUROS PARA A VITIVINICULTURA EM JUNDIAÍ, ESTADO DE SÃO PAULO: perspectivas para a produção de vinho artesanal¹

Emilio Bocchino Neto²

1 – INTRODUÇÃO

Até o final da década de 1970, o Estado de São Paulo era um dos principais produtores brasileiros de uvas, liderado pelo município de Jundiaí, que, além de cultivar uvas, também era conhecido por produzir vinho feito com uvas de mesa (especialmente os cultivares *Vitis labrusca*, *Vitis bourquina* e vários híbridos interespecíficos) (INGLEZ DE SOUSA et al., 1996).

O município de Jundiaí ocupou a posição de líder na produção de vinho do Estado de São Paulo desde a chegada dos imigrantes italianos, na década de 1930, até 2008, quando a produção de uvas começou a cair. Diante dessa tendência de queda, alguns dos *stakeholders*³ do setor decidiram tomar ações na tentativa de reverter a situação: uma dessas ações foi o projeto “Revitalização da Cadeia Vinícola Paulista”, desenvolvido pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, Federação da Indústria do Estado de São Paulo e prefeituras de importantes municípios vitivinícolas, juntamente com sindicatos e cooperativas de produtores. Uma das principais ações desse projeto foi o Censo Paulista de Vitivinicultura, realizado em 2009, com o objetivo de traçar uma imagem clara da produção da uva/vinho, além de propor novas estratégias para retomar o crescimento do setor. Apesar de todos os esforços, os números mostraram que a produção de uva e vinho da região de Jundiaí, ao contrário da produção brasileira, permaneceu estável apenas durante um curto período (2009-2012), caindo novamente em 2013 (IEA, 2015).

A uva ainda é o principal produto agrícola do município de Jundiaí, cultivado em pequenas áreas, sendo a produção artesanal de vinho a principal atividade de agregação de valor às uvas (VERDI et al., 2012): 92% da uva é destinada ao consumo para mesa e 8% à produção de vinho. O pequeno vinicultor de Jundiaí tem a particularidade de usar apenas frutas cultivadas em sua propriedade, onde o vinho é produzido e vendido, atividades estas desenvolvidas pelos próprios membros da família. A bebida produzida por esses agricultores é comumente referida como vinho artesanal (OTANI et al., 2011).

Vários fatores parecem ter contribuído para o insucesso das tentativas de retomada do crescimento da produção de vinho na região de Jundiaí: aumento dos preços da terra, especulação imobiliária, novos usos das áreas rurais e intensificação da concorrência de uvas cultivadas em outras regiões do estado. Passados dez anos da realização do Censo Paulista de Vitivinicultura e diante do aparente baixo desempenho do setor no Estado de São Paulo e mesmo no contexto brasileiro, este trabalho se propõe a retratar os resultados de uma pesquisa realizada, apresentando considerações sobre os principais fatores que, aos olhos do próprio vitivinicultor de Jundiaí, são cruciais em sua decisão de continuar ou não a atividade herdada da família; a partir desses fatores, oferecer cenários alternativos para o setor em um horizonte de 15 anos, de forma que tais dados possam subsidiar a formulação de políticas públicas voltadas à essa atividade agrícola tradicional do Estado de São Paulo.

¹Registrado no CCTC, IE-01/2020.

²Administrador, Mestre, Coordenadoria de Desenvolvimento dos Agronegócios (Codeagro) (e-mail: ebocchino.nt@gmail.com).

³Em 1984, R. Edward Freeman detalhou o termo da língua inglesa *stakeholders theory*, a teoria das partes interessadas, como uma visão do capitalismo que enfatiza os relacionamentos interconectados entre uma empresa e seus clientes, fornecedores, funcionários, investidores, comunidades e outros que têm participação na organização. A teoria argumenta que uma empresa deve criar valor para todas as partes interessadas, não apenas para os acionistas (STAKEHOLDERS THEORY, 2020).

2 – ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho apresenta como referência os dados obtidos pelo Censo Paulista de Vitivinicultura, realizado no ano de 2009, que revelou 284 unidades de produção agropecuária (UPAs)⁴ que cultivam uvas em Jundiá (desse grupo, 92 também produzem vinho). Além destes, existem 3 unidades produtoras de vinho que, diferentemente de outros produtores, não cultivam uvas na propriedade da família. Em vez disso, compram uvas de terceiros ou as cultivam em outras regiões; todos esses produtores de uvas juntos totalizam 95 vinicultores em Jundiá. Desse total, 60 declararam produzir a bebida com dois propósitos: consumo familiar e presente para amigos e vizinhos; apenas 35 declararam comercializar formalmente vinho artesanal, representando 94,6% do total de vinicultores (OTANI, 2010). Diante dessa expressiva parcela de vitivinicultores que cultivam uvas para consumo próprio, fica evidenciado o potencial de expansão da atividade no município (VERDI et al., 2009).

A partir desses dados, foi consultada a Cooperativa de Vinicultores Artesanais de Jundiá (AVA) com o objetivo de consolidar um cadastro representativo de produtores de vinho artesanal para serem entrevistados. A fim de se aprimorar a qualidade das análises e de se obter um resultado mais abrangente, decidiu-se coletar dados, entrevistando todos os 35 vitivinicultores de Jundiá.

A partir de levantamento bibliográfico, foram elaboradas 13 hipóteses de fatores determinantes da decisão do vinicultor artesanal de Jundiá de permanecer exercendo a atividade herdada da família. A verificação das hipóteses foi feita por meio de questionário estruturado, com perguntas fixas e alternativas, aplicado em visita aos donos das propriedades.

A análise dos dados das entrevistas ocorreu em uma única etapa, quantitativa, sendo realizada por meio de testes estatísticos. As análises foram feitas com as ferramentas IBM SPSS e Microsoft Excel 2010. Foram realizados testes estatísticos descritivos e de frequência, para iden-

tificar o grau de concordância dos entrevistados em relação aos fatores e buscar estabelecer aquilo que eles consideram mais importante para continuar ou não na produção de vinho. Como critérios para avaliação dos fatores considerados fundamentais, foram utilizados os valores das médias, juntamente com os percentuais de concordância.

A construção dos cenários para produção de vinho artesanal para 2030, em Jundiá, foi baseada no modelo Global Business Network (GBN), adaptado conforme proposto por Wright e Spers (2006) e Silva et al. (2013), no qual o planejamento de cenários implica escolher, dentre várias opções com ampla compreensão dos possíveis resultados (KATO, 2007). As etapas do método GBN são: 1) identificação do assunto focal; 2) identificação dos fatores-chave; 3) identificação das forças ambientais; 4) identificação das incertezas críticas; 5) seleção da lógica dos cenários; 6) descrição dos cenários; 7) análise das implicações; e 8) definição de indicadores temporais.

3 – RESULTADOS E ANÁLISES

3.1 – Fatores na Dimensão Econômica

A pesquisa de caráter quantitativo foi realizada por meio de entrevista com todos os 35 vitivinicultores de Jundiá. Na maioria dos casos, quem respondeu às perguntas do questionário foi um descendente do agricultor, originalmente entrevistado pelo Censo Vitivinícola de 2009. Do total de 35 produtores, três de quatro membros de uma mesma família deixaram de produzir vinho. Todavia, a uva oriunda das áreas dos três que se retiraram ainda é utilizada por aquele que permanece na atividade. Dessa forma, o universo fica reduzido a 32 produtores. Em relação à produção de uva, três agricultores, que no Censo de 2007/2008 declararam cultivar sua própria uva em Jundiá, abandonaram o cultivo e passaram a importar matéria-prima de São Miguel Arcanjo (SP) e Caxias do Sul (RS) (Tabelas 1 e 2).

⁴Uma UPA é definida como: a) conjunto de propriedades agrícolas contíguas e pertencente ao(s) mesmo(s) proprietário(s); b) localizadas inteiramente dentro de um mesmo município, inclusive dentro do perímetro urbano; c) com área total igual ou superior a 0,1 ha; e d) não destinada exclusivamente para lazer. Em princípio, uma UPA significa exatamente o mesmo que um imóvel rural. Ela se afasta desse conceito somente nas seguintes situações: a) quando o imóvel rural se estende por mais de um município, considerou-se cada uma das partes em município diferente como uma UPA; e b) quando não foi possível levantar o imóvel rural como tal, sendo necessário reparti-lo ou agrupá-lo com outros (SÃO PAULO, 2009).

TABELA 1 - Estatísticas descritivas dos fatores econômicos, Jundiaí, Estado de São Paulo, 2015-2016

Questão	Tipo	N. ¹	Média	Mediana	Moda	Desvio padrão	Mínimo	Máximo
Q1	Renda da vitivinicultura	32	4,13	4	5	1,04	2	5
Q2	Mão de obra	32	4,78	5	5	0,42	4	5
Q3	Preço da terra	32	1,91	2	2	1,03	1	4
Q4	Preço da terra	32	2,44	2	2	1,22	1	4
Q5	Diversificação	32	3,81	4	5	1,38	1	5
Q6	Diversificação	32	3,91	4	4	1,03	1	5
Q7	Diversificação	32	4,5	4,5	4	0,51	4	5
Q8	Diversificação	32	1,75	2	2	0,88	1	4
Q9	Diversificação	32	4	4	4	0,88	2	5
Q10	Uso de defensivos/manejo da videira	31	2,45	1	1	1,65	1	5

¹Tamanho da amostra.

Fonte: Dados da pesquisa.

TABELA 2 - Frequência dos fatores econômicos, Jundiaí, Estado de São Paulo, 2015-2016 (%)

Questão	Tipo	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Q1	Renda da vitivinicultura	-	15,6	40,6	43,8
Q2	Mão de obra	-	-	21,9	78,1
Q3	Preço da terra	40,6	43,8	15,6	-
Q4	Preço da terra	25	40,6	34,4	-
Q5	Diversificação	6,3	21,9	28,1	43,8
Q6	Diversificação	3,1	12,5	59,4	25
Q7	Diversificação	-	-	50	50
Q8	Diversificação	43,8	46,9	9,4	-
Q9	Diversificação	-	12,5	62,5	25
Q10	Uso de defensivos/manejo da videira	51,6	6,5	29	12,9

Fonte: Dados da pesquisa.

A discussão e análise dos dados foram realizadas a partir do agrupamento dos principais fatores que contribuem para a continuidade na produção de vinho artesanal em dimensões ou forças ambientais: econômicas, legais, políticas, socioculturais e tecnológicas, conforme a estrutura utilizada no questionário aplicado ao universo, com base nas proposições de Wright e Giovinazzo (2000), Spers, Wright e Amedomar (2013) e Cordeiro (2001).

Os principais fatores analisados foram os econômicos: renda da vinicultura, disponibilidade de mão de obra qualificada na região, custo-benefício de vender a terra e diversificação (demanda, custos).

Observou-se que, sobre a renda proveniente da produção de uva e vinho artesanal, 84,4% dos produtores concordam parcial ou totalmente com a importância dessa renda para a decisão de continuar nessa atividade. Em complemento a essa análise, a média das respostas foi

de M=4,13, enfatizando que, na perspectiva dos produtores, a renda proveniente da vinicultura é um fator determinante da decisão de continuar na atividade.

Outro fator importante observado foi a disponibilidade de mão de obra qualificada na região de Jundiaí para atender a produção, em especial, durante a colheita. Nesse quesito, todos os produtores (100%) concordaram com a afirmação, sendo que 21,9% concordam parcialmente e 78,1% concordam totalmente. Dessa forma, é importante destacar que, dentro dos fatores econômicos, a disponibilidade de mão de obra qualificada foi o fator de maior importância para os produtores, apresentando uma média de M=4,78.

Com relação à venda de terra parcial ou integralmente, percebeu-se que os produtores, em sua maioria, não avaliam ser vantajoso vender suas terras. Primeiro, 84,4% dos produtores consideram a opção de vender toda a propriedade para

viver dos rendimentos menos atraentes do que continuar com a produção, apresentando uma média de $M=1,91$. Segundo, para a venda parcial da propriedade e manutenção de apenas um pequeno espaço para produção que atenda uma cantina e uma adega, 65,6% dos produtores consideraram menos vantajoso do que continuar da forma como está; a média para essa questão foi de $M=2,44$. Indica-se uma tendência para a permanência da forma como estão, ao invés de venderem parte das terras. Esses resultados são contrários à literatura consultada (OTANI, 2010; VERDI et al., 2009), o que talvez possa indicar que a tendência de venda da propriedade para a construção, verificada no ano de 2009, esteja sendo revertida.

Ademais, a maioria dos produtores acredita que a demanda pelo vinho artesanal produzido em Jundiaí não justifica o crescimento da produção (71,9%). Esses resultados obtiveram uma média de $M=3,81$. Observou-se que somente dois (6,2%) produtores discordam totalmente dessa afirmação; em contrapartida, a média foi consideravelmente alterada por esses valores. Assim, considera-se que em geral os produtores não buscam o crescimento, devido à falta de demanda.

Em complemento, os produtores acreditam, em sua maioria, que é mais vantajoso produzir outras frutas do que uva para vinho (84,4%). Essa questão apresentou uma média de $M=3,91$. Considerando-se que um produtor discordou totalmente da afirmação, pode-se estabelecer que, para os agricultores, a produção de outras frutas juntamente com a uva pode apresentar vantagens. Dessa forma, a possibilidade de cultivo de outras frutas em complemento à cultura da uva para produção de vinho é um fator determinante da decisão de continuar na atividade.

Todos os produtores consideram que o turismo rural justifica investimentos para aumento da produção de uva para vinho, apresentando um percentual de concordância de 100%, sendo que 50% concordam parcialmente e 50% concordam totalmente. Nesse sentido, o turismo rural é um fator determinante para a continuação da atividade de produção de vinho artesanal ($M=4,5$).

Complementarmente, em relação à diversificação, os produtores em sua maioria consideram que o custo de oportunidade, seja pela venda da terra, seja pela produção de outras frutas além da uva, não é um fator importante para a de-

cisão de continuar na produção de vinho artesanal em Jundiaí, com 90,7% de discordância da afirmação. Apenas 9,4% dos produtores concordaram parcialmente com essa afirmação. Além disso, a média para essa questão ficou abaixo de 2 ($M=1,75$), indicando discordância da maioria dos produtores. O resultado foi contrário ao esperado, e isso pode ter acontecido pela falta de entendimento do conceito de custo de oportunidade.

Com relação ao mercado, percebe-se que a maioria dos produtores se preocupa com a concorrência (87,5%), com uma média de $M=4$. Isso parece indicar que o vitivinicultor de Jundiaí, embora caracterizado como pequeno empresário familiar, ao contrário do que se esperava, toma suas decisões dando a devida importância à concorrência e à situação econômica que o país atravessa no momento. Esse quesito configura-se em campo potencial para novas pesquisas.

Sobre o uso de defensivos químicos no manejo da videira em uma região urbana ou muito próximo a uma região urbana, nada pode ser afirmado. Isso porque os produtores mostram-se divididos em relação à questão. A média de respostas foi de $M=2,45$, com 58,1% de discordância e 41,9% de concordância. Adicionalmente, o desvio padrão indica uma grande variação em torno da média, indicando heterogeneidade das respostas. Assim, não se sabe se esse é um fator importante para a decisão de continuar na produção de vinho artesanal em Jundiaí. Destaca-se que um dos produtores que deixou de cultivar uva na região considerou que o seu contexto não se aplicava a essa questão. Dessa forma, os resultados foram baseados nas respostas dos outros 31 produtores.

Por fim, em relação aos fatores econômicos, destacam-se a renda, a disponibilidade de mão de obra, a possibilidade de produção de outras frutas e o turismo rural como principais fatores que determinam a decisão de continuar na atividade de produção de vinho artesanal para comercialização.

3.2 – Fatores na Dimensão Legal

Os fatores legais analisados estavam relacionados ao associativismo e à informalidade, respectivamente (Tabelas 3 e 4).

TABELA 3 - Estatísticas descritivas dos fatores legais, Jundiá, Estado de São Paulo, 2015-2016

Questão	Tipo	N. ¹	Média	Mediana	Moda	Desvio padrão	Mínimo	Máximo
Q11	Associativismo	32	3,94	4	4	0,95	2	5
Q12	Informalidade	32	2,94	2	2	1,19	1	5

¹Tamanho da amostra.

Fonte: Dados da pesquisa.

TABELA 4 - Frequência dos fatores legais, Jundiá, Estado de São Paulo, 2015-2016 (%)

Questão	Tipo	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Q11	Associativismo	-	15,6	59,4	25
Q12	Informalidade	6,3	46,9	40,6	6,3

Fonte: Dados da pesquisa.

Observou-se que, sobre a participação do agricultor em associações ou cooperativas de produtores, 84,4% dos produtores concordam parcial ou totalmente com a importância dessa participação como determinante para a decisão de continuar na atividade, apresentando uma média de M=3,94. Assim, o associativismo é um fator importante para o crescimento dos produtores.

Com relação à informalidade, 46,9% dos produtores concordam com a afirmação de que a adequação da produção e do envase do vinho artesanal aos padrões estabelecidos pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) é um fator determinante da decisão de continuar na atividade. Em contrapartida, 53,1% dos produtores discordam dessa afirmação. A média foi de M=2,94 e o desvio padrão de DP=1,41, indicando heterogeneidade das respostas. Dessa maneira, nada se pode concluir a respeito da informalidade e da adequação aos padrões do MAPA.

Assim, com base nos resultados, o fator político do associativismo é o mais importante para a decisão de continuar na produção de vinho artesanal.

3.3 – Fatores na Dimensão Política

Os fatores políticos analisados estavam relacionados à disponibilidade de linha de crédito e à assistência governamental (Tabelas 5 e 6).

Sobre as linhas de crédito, 93,8% dos produtores acreditam que sua disponibilidade de

maneira apropriada e a juros competitivos é um fator importante para a decisão de continuar na produção de vinho artesanal em Jundiá, apresentando uma média de M=4,31.

Ademais, com relação à assistência técnica governamental, 71,9% dos produtores concordam que a oferta de assistência técnica por parte do poder público é um fator determinante da decisão de continuar na atividade, apresentando uma média de M=3,53. É importante notar que 4 dos 32 produtores discordaram totalmente dessa afirmação, causando uma mudança significativa na média. Se se desconsiderarem esses respondentes, a média sobe para M=4,00. Dessa forma, pode-se considerar que a maioria dos produtores considera importante a oferta de assistência técnica governamental para a continuação da atividade.

Além disso, os impostos parecem impedir o crescimento dos produtores. De acordo com os resultados, 87,5% dos produtores acreditam que o valor dos impostos cobrados sobre o vinho produzido no Estado de São Paulo inviabiliza qualquer possibilidade de crescimento da produção de uva para esse fim, com uma média de respostas de M=4,00.

Portanto, com base nos resultados a respeito dos fatores políticos, percebe-se que eles possuem considerável influência na continuação da atividade vitivinícola da cidade de Jundiá. Em relação ao crescimento dos produtores, a disponibilidade de linha de crédito e da assistência técnica governamental o influencia de forma positiva e, por outro lado, os impostos agem de forma negativa.

TABELA 5 - Estatísticas descritivas dos fatores políticos, Jundiaí, Estado de São Paulo, 2015-2016

Questão	Tipo	N. ¹	Média	Mediana	Moda	Desvio padrão	Mínimo	Máximo
Q13	Linha de crédito	32	4,31	4	4	0,78	2	5
Q14	Assistência técnica governamental	32	3,53	4	4	1,41	1	5
Q15	Impostos	32	4	4	4	0,88	2	5

¹Tamanho da amostra.

Fonte: Dados da pesquisa.

TABELA 6 - Frequência dos fatores políticos, Jundiaí, Estado de São Paulo, 2015-2016 (%)

Questão	Tipo	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Q13	Linha de crédito	-	6,3	50	43,8
Q14	Assistência técnica governamental	15,6	12,5	46,9	25
Q15	Impostos	-	12,5	62,5	25

Fonte: Dados da pesquisa.

3.4 – Fatores na Dimensão Sociocultural

Os fatores socioculturais analisados estavam relacionados ao produtor e à sua família (Tabelas 7 e 8).

Primeiramente, foi investigado se a herança do hábito de cultivo de uva e fabricação de vinho é considerada importante na continuação dessa atividade. Essa questão foi considerada de grande importância para os produtores, sendo que eles em sua totalidade (100%) consideraram que o hábito cultural da produção da uva para fabricação do vinho artesanal herdado dos antepassados da família é um fator determinante da decisão de continuar na atividade, apresentando uma média de M=4,45.

Ademais, sobre a idade do agricultor, juntamente com o interesse dos respectivos filhos em dar continuidade ao negócio da família, os produtores consideram essas questões de grande relevância, apresentando uma média de respostas de M=4,78, com 100% de concordância, sendo que 78,1% concordam totalmente.

Por fim, 90% dos produtores afirmam que a produção é conduzida de forma diferente do que era no passado, com uma média de resposta de M=1,87. Assim, conclui-se que, embora haja uma importância cultural em dar continuidade à produção, com o tempo as práticas podem ser alteradas. Isso parecer estar em desacordo com a

ideia de que o vitivinicultor de Jundiaí, por ser um pequeno empresário, apresenta baixa qualidade gerencial.

Entende-se que os fatores socioculturais são de grande importância para os produtores, sendo sua idade e o interesse dos filhos em continuar com a produção quesitos de destaque.

3.5 – Fator na Dimensão Tecnológica

Foi avaliada a importância do fator tecnológico para a continuação na atividade de produção de vinho artesanal (Tabelas 9 e 10). A questão investiga se a falta de variedades e uvas para vinho adaptadas às condições edafoclimáticas de Jundiaí é um fator determinante da decisão de continuar na atividade. Enquanto 56,3% dos produtores concordam com a afirmação de que a qualidade da uva para vinho produzida em outras regiões é superior à da produzida em Jundiaí, 43,8% discordam da mesma, indicando que não há um consenso sobre o impacto que a falta de variedades de uvas tem na decisão de continuar na produção. A média de respostas para essa questão foi de 3,25, próxima ao ponto neutro do contínuo. Em complemento o desvio padrão foi de DP=1,46, indicando grande variação em torno da média.

TABELA 7 - Estatísticas descritivas dos fatores socioculturais, Jundiaí, Estado de São Paulo, 2015-2016

Questão	Tipo	N. ¹	Média	Mediana	Moda	Desvio padrão	Mínimo	Máximo
Q16	Herança familiar	31	4,45	4	4	0,51	4	5
Q17	Idade do agricultor e interesse dos filhos	32	4,78	5	5	0,42	4	5
Q18	Condução	30	1,87	2	2	1,17	1	5

¹Tamanho da amostra.

Fonte: Dados da pesquisa.

TABELA 8 - Frequência dos fatores socioculturais, Jundiaí, Estado de São Paulo, 2015-2016 (%)

Questão	Tipo	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Q16	Herança familiar	-	-	54,8	45,2
Q17	Idade do agricultor e interesse dos filhos	-	-	21,9	78,1
Q18	Condução	43,3	46,7	-	10

Fonte: Dados da pesquisa.

TABELA 9 - Estatísticas descritivas do fator tecnológico, Jundiaí, Estado de São Paulo, 2015-2016

Questão	Tipo	N. ¹	Média	Mediana	Moda	Desvio padrão	Mínimo	Máximo
Q19	Variedades de uva para vinho	32	3,25	4	2	1,46	1	5

¹Tamanho da amostra.

Fonte: Dados da pesquisa.

TABELA 10 - Frequência do fator tecnológico, Jundiaí, Estado de São Paulo, 2015-2016 (%)

Questão	Tipo	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Q19	Variedades de uva para vinho	12,5	31,3	31,3	25

Fonte: Dados da pesquisa.

4 – RESULTADOS

Dentre os resultados, alguns podem ser destacados. Os fatores de maior importância para a continuação dos produtores na produção de vinho artesanal, na percepção dos produtores, são o fator econômico de disponibilidade de mão de obra qualificada e o fator sociocultural da idade do produtor, juntamente com a disposição dos filhos de dar continuidade no negócio. Na sequência, o fator socioeconômico de hábito cultural de cultivo de uva e produção de vinho, o político de disponibilidade

de linhas de crédito e o econômico de renda advinda do comércio do vinho artesanal (Figura 1).

Ainda merecem discussão alguns resultados da pesquisa sobre outros fatores, como a questão da renda proveniente da produção de uva e vinho artesanal, que são coerentes com os trabalhos de Otani, Arraes e Verdi (2007) e Verdi et al. (2009) ao afirmarem que a queda da renda com a produção é um dos fatores que, na última década, levaram parte dos viticultores a desistir da atividade e vender suas terras. Por outro lado, a hipótese da venda da terra, seja parcial ou inte-

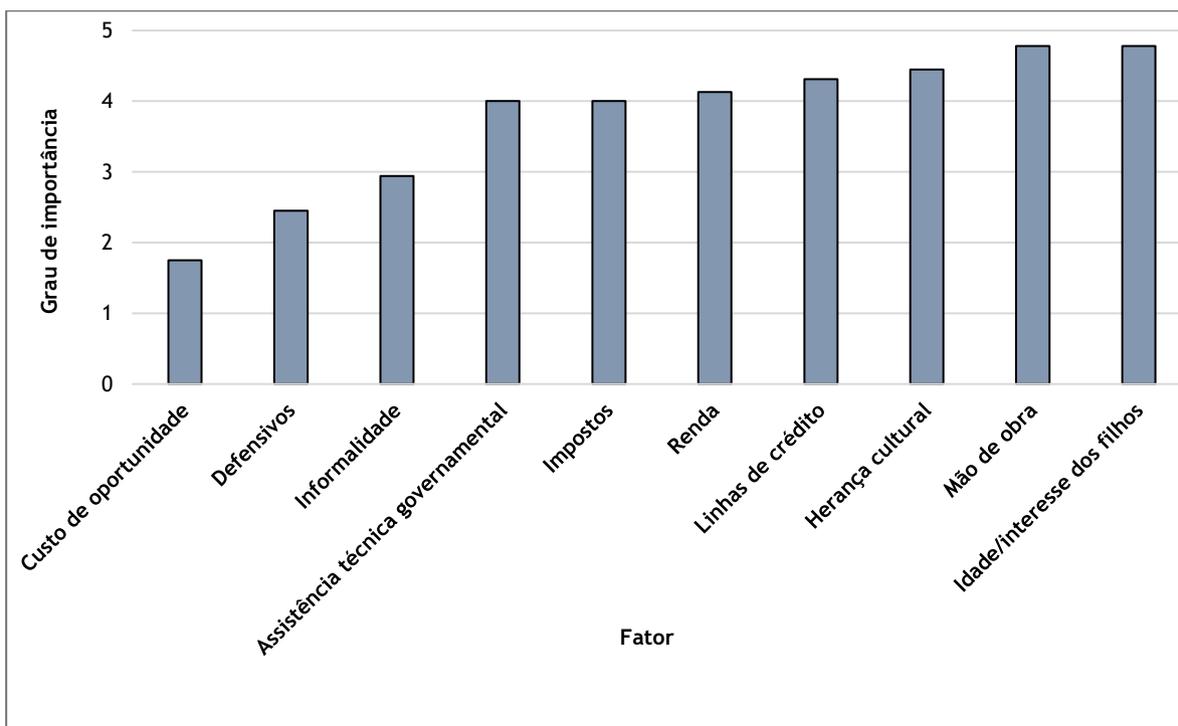


Figura 1 - Principais fatores da decisão de continuar ou não na produção de vinho artesanal, Jundiaí, Estado de São Paulo, 2015-2016.

Fonte: Dados da pesquisa.

gralmente, apenas como alternativa de fonte de rendimentos não foi contemplada pela pesquisa. Esse resultado pode indicar que a tendência de venda da propriedade para as incorporadoras que visam à construção de condomínios (custo de oportunidade) talvez tenha sido revertida. Nesse contexto, vale registrar dois fatos observados: 1) durante o período das entrevistas, a Câmara Municipal de Jundiaí discutia alterações no Plano Diretor da cidade, sendo uma das propostas apresentadas a alteração da classificação do bairro Caxambu, de longe a principal área de produção de uva da região, de zona urbana para rural; e 2) dentre os produtores entrevistados, quatro são membros de uma mesma família: dois deles têm interesse na alteração do zoneamento, de área rural para urbana, por acreditarem que isso aumentaria a possibilidade de venda de suas terras, enquanto os outros dois apostam na manutenção do Caxambu como área rural por não terem interesse em um eventual aumento do preço da terra. Essa situação configura-se campo de grande potencial para novas pesquisas (além do preço da terra, vale ressaltar que essa alteração de classificação do bairro também tem impacto direto no imposto a ser pago).

Os resultados da pesquisa indicaram que grande parte dos produtores (71,9%) não busca o crescimento da produção de vinho devido à falta de demanda. Um dos agricultores entrevistados afirmou que a sua atual estrutura de venda do vinho por meio de uma pequena adega na propriedade atende à demanda; um eventual aumento da produção não seria conveniente, pois exigiria uma estrutura maior.

A pesquisa indicou que os produtores, na sua maioria (84,4%), afirmaram acreditar ser mais vantajoso produzir outras frutas do que aumentar a produção de uva para vinho. Dessa forma, a renda do negócio da família não depende apenas da venda do vinho artesanal. Constatou-se haver uma preocupação com a diversificação: além de frutas variadas como figo, goiaba, caqui e pêssego, dentre outras, alguns produtores vendem massas caseiras, doces, geleias e até mesmo embutidos.

Na questão da diversificação, os resultados da pesquisa mostraram que todos os produtores (100%) consideram que o turismo rural justifica investimentos para aumento da produção de uva para vinho. Esse resultado é coerente com os

trabalhos de Verdi et al. (2009), ao afirmar que ações voltadas para estruturação do turismo ligado à produção de uva e vinho têm contribuído para o aumento do interesse pelos produtos do setor vitivinícola, oferecendo aos vitivinicultores, por meio da venda aos turistas de produtos *in natura* e aqueles manufaturados artesanalmente nas propriedades, uma fonte adicional de renda, que tem permitido a sobrevivência e a manutenção deles na atividade rural. Nesse ponto, vale registrar as frases de alguns produtores sobre o assunto: “O turismo é o futuro de Jundiaí”, “o turismo é a saída para manutenção da atividade”, “o turismo e a diversificação são a solução” e “o turismo rural agregado à família valoriza a qualidade do produto”. Ao mesmo tempo, diversos dos entrevistados afirmaram estarem fazendo investimento, seja na construção de novas estruturas ligadas ao turismo, seja na ampliação daquelas já existentes; um dos produtores afirmou que pretende investir naquilo que ele chamou de “turismo rural com hospedagem”.

No quesito dos fatores políticos analisados, a grande maioria dos produtores (93,8%) acredita que a disponibilidade de linhas de crédito apropriadas e a juros competitivos é um fator importante para a decisão de continuar na produção de vinho artesanal em Jundiaí. Por outro lado, essa mesma maioria parece desconhecer algumas das linhas de crédito que o governo do Estado de São Paulo oferece, a juros subsidiados e prazos de carência alongados, para cultivo em ambiente protegido, irrigação, agricultura orgânica, apoio à pequena agroindústria, à fruticultura, ao desenvolvimento sustentável, à gestão da qualidade, ao turismo rural e à aquisição de máquinas e equipamentos comunitários (SÃO PAULO, 2016).

Com relação à questão da assistência técnica oficial, os resultados da pesquisa mostraram que a maioria dos produtores (71,9%) concorda que a oferta de assistência técnica por parte do poder público é um fator determinante na decisão de continuar na atividade. É importante registrar o comentário de um dos entrevistados sobre esta questão: “a atual assistência técnica oferecida pelo poder público não está capacitada para lidar com os desafios da nova agricultura multidisciplinar”.

Com relação à questão dos impostos, os resultados da pesquisa demonstram que estes

parecem impedir o crescimento dos produtores; 87,5% dos entrevistados acreditam que o valor dos impostos cobrados sobre o vinho produzido no Estado de São Paulo inviabiliza qualquer possibilidade de crescimento da produção de uva para produção de vinho.

No campo dos fatores legais analisados, vale comentar a questão do associativismo e da informalidade. As respostas mostraram que 84,4% dos produtores concordam com a importância de sua participação em cooperativas. Com relação à informalidade, apenas 46,9% deles concordam com a afirmação de que a adequação da produção e do envase do vinho artesanal aos padrões estabelecidos pelo MAPA é um fator determinante da decisão de continuar na atividade.

Com base nos comentários dos produtores que não demonstraram interesse em se adequar aos padrões legais estabelecidos pelo MAPA, observou-se que a maioria desse grupo faz parte da Cooperativa Agrícola dos Produtores de Vinho (AVA) em Jundiaí. Uma possível razão para essa aparente falta de interesse talvez seja a mais recente aquisição da AVA, por meio de linhas de crédito oficiais, de uma envasadora móvel de vinho, que facilita o processamento e o envase da produção pelos membros daquela cooperativa. Pioneira no país, a estrutura está instalada em um caminhão e inclui tonéis para bombeamento do vinho, equipamentos para filtração da bebida, higienização, envase e rotulagem das garrafas, permitindo mobilidade ao produtor, que não precisa transportar a bebida para fora de sua propriedade (MINKE, 2016). Esse tipo de operação de envase é devidamente aprovado pelo MAPA e atende apenas à produção dos membros da cooperativa. Diante dessa possibilidade, tais agricultores não necessitam adequar a estrutura física na sua propriedade aos padrões estabelecidos pela atual legislação (só o envase é móvel).

Quanto à questão da herança cultural do cultivo da uva para fabricação do vinho artesanal, a literatura consultada apresenta tal herança como sendo de origem tipicamente italiana. Embora a maioria esmagadora dos produtores seja de origem italiana, vale registrar que um dos produtores é de ascendência portuguesa, demonstrando ter muito orgulho ao divulgar esse detalhe.

4.1 – Resultados da Aplicação da Técnica de Elaboração de Cenários na Produção de Vinho Artesanal em Jundiaí, para 2030

Retomando brevemente a questão da elaboração dos cenários, esta pesquisa seguiu a premissa apresentada por Wright e Spers (2006), citada por Silva et al. (2013), de que

elaborar cenários não é um exercício de predição, mas sim um esforço para fazer descrições plausíveis e consistentes de situações futuras possíveis, apresentando as condicionantes do caminho entre a situação atual e cada cenário futuro, destacando os fatores relevantes às decisões que precisam ser tomadas.

A seguir é apresentada a aplicação das etapas desenvolvidas para se chegar aos cenários, com base nas proposições de Wright e Spers (2006) e no modelo GBN, citado por Ribeiro (2006), Kato (2007) e Ringland (1998).

4.1.1. – Identificação do assunto focal

A elaboração de vinho em Jundiaí está baseada na produção do pequeno vinicultor e apresenta a peculiaridade de utilizar basicamente uva cultivada na propriedade; a comercialização do vinho acontece nas próprias dependências do imóvel rural e as atividades ligadas à comercialização são desenvolvidas pelos membros da própria família. O município de Jundiaí ocupou a posição de liderança na produção vitivinícola paulista desde o início da chegada dos imigrantes italianos, por volta de 1930, até 2008, quando a quantidade de uva produzida começou a cair.

A produção nacional de vinho, semelhantemente à produção paulista, também experimentou redução no biênio 2007/08, mas voltou a crescer a partir de 2009. Dados estatísticos revelam que a produção de uva e vinho da região de Jundiaí, ao contrário da produção nacional, não conseguiu retomar o crescimento, tendo apenas se mantido estável durante o período 2009-2012, voltando a cair em 2013/14 (IEA, 2015).

Tendo em vista que a produção de vinho em Jundiaí é reconhecida como uma tradicional atividade agrícola do Estado de São Paulo, algumas providências foram tomadas pelos *stakeholders* do setor, procurando reverter a tendência de queda. Diversos fatores parecem ter

contribuído para que a tentativa de retomada do crescimento da atividade vitivinícola paulista não tenha obtido o sucesso esperado para a região de Jundiaí. Dentre eles, destacam-se o aumento do preço da terra, a especulação imobiliária, os novos usos do espaço rural e a intensificação da concorrência de produção de uvas provenientes de outras regiões diante da aparente falta de vocação para a vitivinicultura.

Apesar dessa ideia ainda vigente, muitos produtores de uvas para mesa em Jundiaí (basicamente de niagara rosada) mantêm em suas propriedades pequenas unidades artesanais de produção de vinho. Elas são fundamentadas em variedades rústicas e mesmo na vinificação de excedentes e no descarte de uvas para mesa.

Nesse contexto, é importante ressaltar que a comercialização da produção artesanal de vinho tem fomentado o desenvolvimento do turismo rural ou enoturismo, contribuindo para o aumento do interesse pelos produtos do setor vitivinícola. Isso propicia aos vitivinicultores uma fonte adicional de renda, decorrente da venda aos turistas de produtos *in natura* e produtos manufaturados artesanalmente nas propriedades, que permite a sobrevivência dos agricultores e a manutenção destes na atividade rural, resistindo à pressão imobiliária de venda de suas propriedades para a construção de condomínios e chácaras de veraneio.

Ao se articular com as atividades do turismo rural e do enoturismo, a vitivinicultura paulista adquire novas perspectivas de desenvolvimento regional, constituindo a base para a atração de novos empregos e investimentos para a região em hotéis, pousadas e restaurantes, condizentes com a preservação ambiental e com o resgate dos costumes e das tradições regionais. O turismo rural tem se tornado no principal canal de distribuição para vinhos, licores, frutas e doces, oferecendo às vinícolas a opção de diversificação das atividades, como adegas, lojas e cantinas.

É importante destacar que o Estado de São Paulo, embora seja o maior centro consumidor de vinho do país, tem participação pouco relevante na produção industrial de vinho. Destaca-se, no entanto, por concentrar o processo de envasamento do vinho, elaborado principalmente no Sul do país, e pela importação de 40% do vinho produzido nessa mesma região.

Em termos operacionais, foi definido como assunto focal a produção de vinho artesanal

em Jundiaí; o escopo dos cenários permite avaliar se no futuro a produção será economicamente sustentável, sendo o horizonte de tempo o cenário para 2030.

Um melhor conhecimento do funcionamento da cadeia do vinho paulista pode contribuir para a melhoria da produtividade e competitividade desse setor tradicional do estado, além de se constituir importante pré-requisito para a tomada de decisão dos agentes envolvidos na cadeia de produção, bem como para o estabelecimento de políticas públicas municipais, estaduais e até federais, voltadas para o desenvolvimento setorial e territorial.

4.1.2 – Identificação dos fatores chave

Uma vez definido o assunto focal, foram identificados no ambiente da produção de vinho artesanal em Jundiaí os fatores-chave determinantes da decisão empresarial do agricultor de dar continuidade ou não na atividade: 1) a possibilidade de cultivo de outras frutas em complemento à cultura da uva para produção de vinho; 2) a disponibilidade de mão de obra especializada para colheita da uva; 3) a renda proveniente da vitivinicultura; 4) a idade do agricultor; 5) o interesse dos filhos do agricultor em dar continuidade ao negócio da família; 6) o hábito cultural do cultivo da uva para fabricação do vinho artesanal herdado dos antepassados da família; 7) a disponibilidade de linhas de crédito a juros competitivos; 8) a participação do agricultor em associações ou cooperativas de produtores; e 9) a oferta de assistência técnica por parte do poder público.

4.1.3 – Identificação das forças ambientais

De acordo com Wright e Giovinazzo (2000) e Spers, Wright e Amedomar (2013), o ambiente externo é formado pelo conjunto de forças do macroambiente, somado ao ambiente setorial em que a organização atua, os quais influenciam nas suas tomadas de decisões estratégicas. As forças do ambiente externo estão fora da organização e em geral fora de seu controle de curto prazo. Segundo Cordeiro (2001), à medida que o ambiente sofre mudanças, as forças desse ambiente atuam de forma diferenciada sobre a organização, sem que esta tenha sofrido qualquer alteração.

O macroambiente pode ser representado como o conjunto formado pelos ambientes detalhados a seguir. O ambiente econômico/legal apresenta mudanças na renda real e nos hábitos de gasto dos consumidores e, no caso específico deste trabalho, a questão da disponibilidade de linhas oficiais de crédito e de assistência técnica por parte do poder público. O ambiente tecnológico apresenta rápidas mudanças, ilimitadas oportunidades de inovação e ênfase em aprimoramentos. O ambiente político apresenta o aumento das regulamentações na criação de novas leis e taxas. E, por fim, o ambiente sociocultural apresenta as tendências a longo prazo do comportamento da sociedade que afetam os valores básicos, as percepções, as preferências além dos desafios enfrentados pela organização quanto às mudanças da estrutura etária da população e da estrutura familiar, aos fluxos demográficos, à população atual com nível mais alto de escolaridade e à maior diversidade étnica e racial (CORDEIRO, 2001).

O contexto do macroambiente no qual as forças ambientais atuam sobre a produção de vinho artesanal em Jundiaí está ilustrado na figura 2.

Nele, lembrando a importância do turismo rural e do enoturismo como fator de diversificação das atividades da produção de vinho artesanal em Jundiaí, conforme mencionado pela grande maioria dos produtores entrevistados, é importante citar Cordeiro (2001), que afirma ser o turismo também suscetível às forças socioculturais. Segundo o autor, existe um tipo de turista classificado como alocêntrico, que vai à procura de lugares novos e que, ao se deparar com grande número de outros turistas no local, tende a abandoná-lo e ir em busca de outros, ainda pouco explorados.

4.1.4 – Identificação das incertezas críticas

Nesse ponto foram priorizados os fatores-chave e as forças ambientais, visando identificar as forças motrizes e as principais incertezas críticas; a partir dos resultados das entrevistas, a região foi expressa por um conjunto de nove incertezas distribuídas nas dimensões econômico/legal e sociocultural (Quadro 1). Essas incertezas são aquelas que têm mais poder de influenciar o futuro do assunto focal.

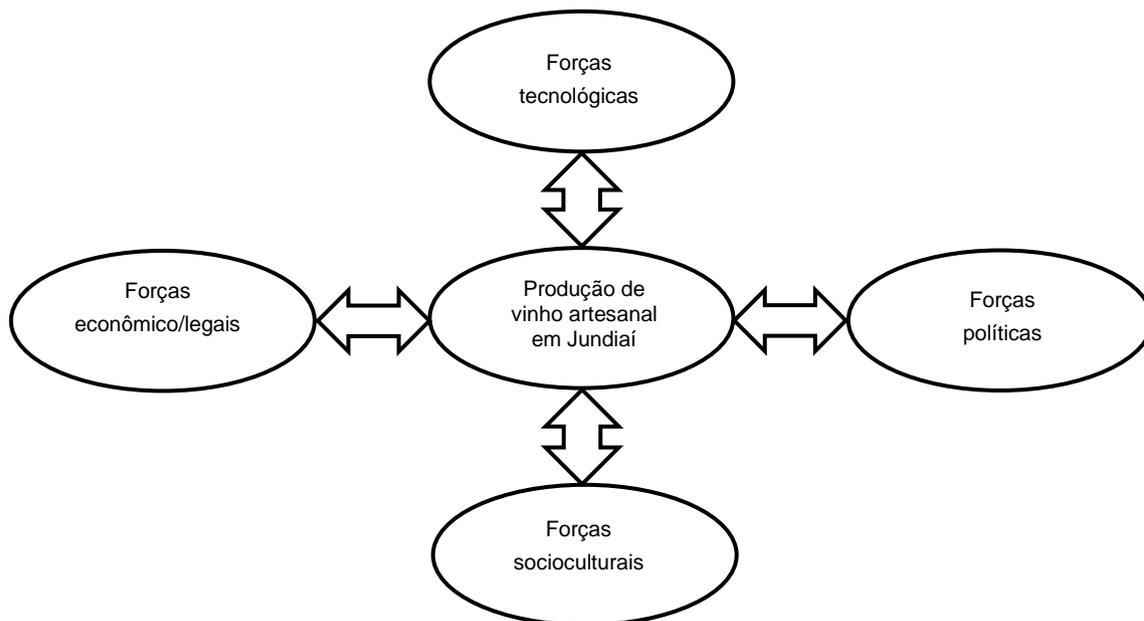


Figura 2 – Forças ambientais atuando sobre a produção de vinho artesanal, Jundiaí, Estado de São Paulo. Fonte: Elaborada pelo autor a partir de Cordeiro (2001).

QUADRO 1 – Incertezas críticas da produção de vinho artesanal, Jundiaí, Estado de São Paulo, 2015-2016

Incertezas críticas	Dimensões
Cultivo de outras frutas em complemento à cultura da uva para produção de vinho	Econômico/ legal
Renda proveniente da vitivinicultura	
Disponibilidade de linhas de crédito a juros competitivos	
Participação do agricultor em associações ou cooperativas de produtores	
Oferta de assistência técnica por parte do poder público	
Disponibilidade de mão de obra especializada para colheita da uva	Sociocultural
Idade do agricultor	
Interesse dos filhos do agricultor em dar continuidade ao negócio da família	
Hábito cultural do cultivo da uva para fabricação do vinho artesanal herdado dos antepassados da família	

Fonte: Dados da pesquisa.

4.1.5 – Seleção da lógica dos cenários

Nesse ponto foram identificadas as lógicas que iluminarão mais efetivamente os pontos-chave do assunto focal, representadas por meio de uma matriz 2x2, com quatro quadrantes, contendo cenários definidos pelos dados obtidos por meio das entrevistas (Figura 3).

De acordo com Ribeiro (2006), a lógica dos cenários é o enredo que une os elementos do sistema. Para explicar o futuro, os cenários usam os mesmos tipos de lógica. Descrevem como os fatores-chave e as forças ambientais se comportam e interagem.

Seguindo o modelo proposto por Porto (2010) para proposição de cenários futuros, foi desenvolvida uma análise da consistência entre as hipóteses definidas pelas incertezas, procurando selecionar as combinações mais consistentes. Utilizando-se uma matriz morfológica, foi realizada a interpretação dessas combinações de maior con-

sistência, que explicitam as bases dos cenários futuros (Quadro 2).

4.1.6 – Descrição dos cenários e implicações

Uma vez elaborada a matriz morfológica dos cenários, tratou-se de detalhar os cenários por meio da descrição de sua evolução e a explicitação das relações e sequências de causa e efeito entre as variáveis consideradas (SILVA et al., 2013). Porto (2010) complementa apresentando a descrição dos cenários como uma composição de histórias relevantes e intrigantes, já que lidam com o significado de acontecimentos do mundo e que permitem imaginar como as interações dos fatores-chave e forças ambientais irão afetar os acontecimentos futuros. Dessa forma, fazendo uso da matriz morfológica, foi realizada uma interpretação das combinações de maior consistência que explicitam as bases dos cenários futuros configurados.

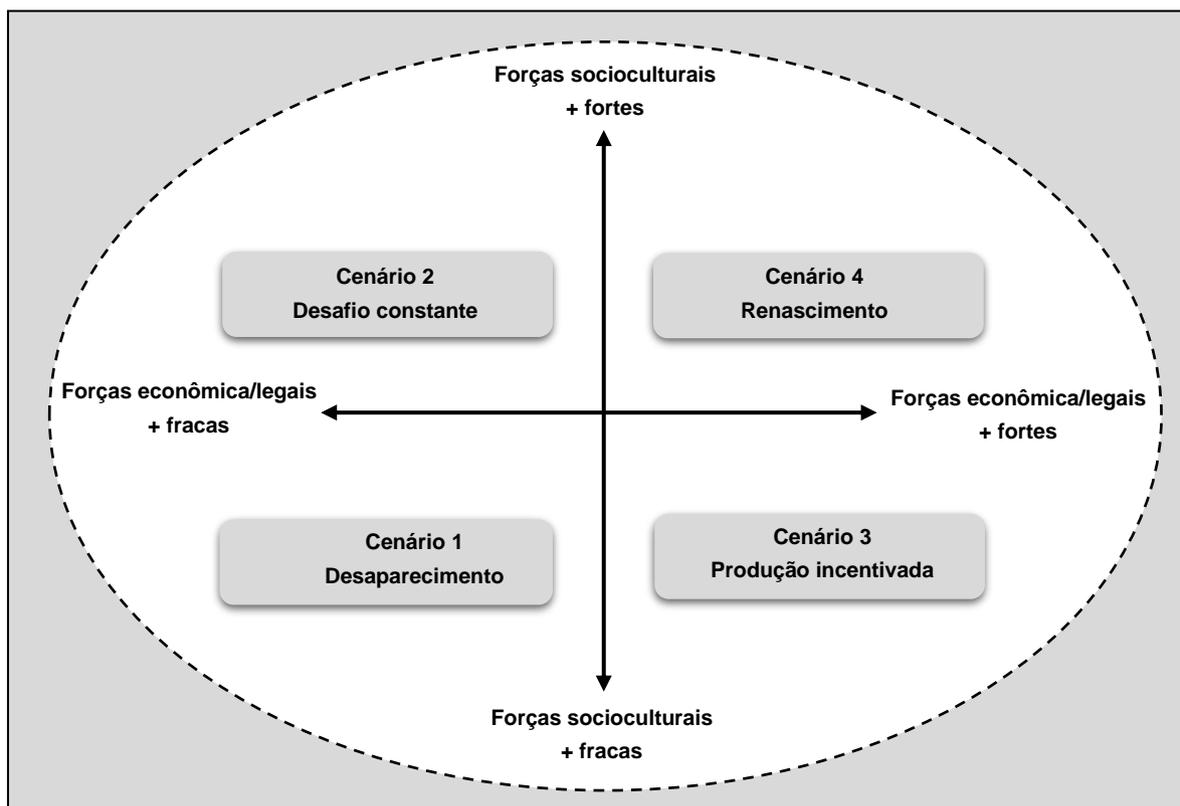


Figura 3 – Lógica dos cenários da produção de vinho artesanal, Jundiá, Estado de São Paulo, 2015-2016. Fonte: Dados da pesquisa.

QUADRO 2 - Matriz morfológica dos cenários da produção de vinho artesanal, Jundiaí, Estado de São Paulo, 2015-2016

Incertezas	Cenário 1 – desaparecimento	Cenário 2 – desafio constante	Cenário 3 – produção incentivada	Cenário 4 – renascimento
Renda proveniente da vitivinicultura, em relação à situação em 2015	A renda é reduzida	A renda é mantida	A renda aumenta	
Cultivo de outras frutas em complemento à cultura da uva para produção de vinho	Redução no cultivo de outras frutas e na produção de vinho	O cultivo de outras frutas é uma realidade e se mantém nos níveis atuais; há pouco interesse no aumento da quantidade produzida de vinho	Aumento do cultivo de outras frutas. Agricultor busca opções adicionais de diversificação no agro/enoturismo e hospedagem	Aumento do cultivo de outras frutas com foco na profissionalização do cultivo e consequente aumento da produtividade. Agroturismo já faz parte do mix de serviços e o produtor busca a profissionalização
Disponibilidade de linhas de crédito a juros competitivos	Ofertas atuais são descontinuadas	Ofertas atuais com regras conservadoras se mantêm	Aumento dos tetos de financiamento com regras menos conservadoras e criação de linhas de crédito para seguro contra granizo	Consolidação das regras menos conservadoras para obtenção de linhas de crédito muito mais por demanda de mercado do que por políticas oficiais de subsídio
Participação do agricultor em cooperativas de produtores	Atuais cooperativas deixam de existir	Cerca de 50% dos produtores participam de cooperativas		Mais de 75% dos produtores participam de cooperativas
Oferta de assistência técnica por parte do poder público	Ofertas atuais são descontinuadas	Ofertas atuais se mantêm	Incremento das atividades extensionistas e de capacitação do agricultor	
Disponibilidade de mão de obra especializada para colheita da uva	Oferta atual de mão de obra é reduzida com a urbanização	Oferta atual de mão de obra é mantida, mas com custo elevado	Uso de mão de obra ociosa e de estudantes para viabilização da safra	
Idade média do agricultor	Agricultor idoso sem sucessores	2ª geração de agricultores com idade média entre 40-50 anos	2ª/3ª geração de agricultores empreendedores com idade média entre 30-40 anos	Profissionalização do eno/agroturismo; busca no mercado por profissionais para fazer o negócio crescer
Interesse dos filhos do agricultor em dar continuidade ao negócio da família	Filhos sem interesse pela manutenção da atividade (desistência)	Filhos com dúvida e cada vez menos interesse pela manutenção da atividade (em dúvida)	Filhos com algum interesse, mas pouco comprometimento com a manutenção da atividade (perfil executor)	Filhos interessados não só na manutenção da atividade como também na diversificação e expansão do negócio da família (perfil empreendedor)
O hábito cultural do cultivo da uva para fabricação do vinho artesanal herdado dos antepassados da família	Desejo de manter a herança cultural da família.	Grande desejo de manter a herança cultural da família	O grande desejo de manter a herança cultural da família deixa de ser prioritário	A herança cultural da família cede lugar à ênfase na eficiência dos processos produtivos, gestão dos custos e comercialização
	O cultivo da uva é insuficiente para sustentação econômica da atividade, impactando no interesse pela manutenção da herança cultural	Manutenção do cultivo da uva com foco na produção de vinho	Evolução da manutenção da herança familiar para um novo contexto de demanda econômica	
		Sustentabilidade econômica proveniente da agregação de serviços à venda do vinho (loja e cantina)	A produção do vinho deixa de ser foco para virar consequência (hospedagem, ecoturismo, restaurante)	

Fonte: Dados da pesquisa.

4.1.6.1 – Cenário 1 – desaparecimento

Corresponde ao ano de 2030 e a renda decorrente da produção de vinho artesanal em Jundiaí em relação à de 2015 é cada vez menor, indicando tendência de não cobrir os custos de produção para manutenção da atividade. A redução da renda leva à queda do investimento no cultivo de outras frutas em complemento à cultura da uva para vinho e isso reduz as opções de renda adicional à atividade. Com a redução da atividade e da renda do agricultor, as possíveis garantias a serem oferecidas para obtenção de linhas de crédito são cada vez menores. As ofertas de linhas especiais de crédito, fomentadas pelo poder público, ficam muito caras ou são descontinuadas. A participação do agricultor em cooperativas é cada vez menor, a ponto de não fazer sentido a existência das atuais formas de cooperação de produtores; isso acaba também diminuindo o poder de barganha do agricultor com os fornecedores de insumos, fato que tende a aumentar cada vez mais seus custos de produção. Ao considerar que a atividade de produção de vinho artesanal é cada vez menor, as entidades oficiais de assistência técnica redirecionam seus esforços para outras áreas do agronegócio. A idade média do agricultor está na faixa dos 75 anos de idade e seus filhos não têm interesse em dar continuidade ao negócio da família, em decorrência de melhores condições de salário em São Paulo e Campinas. Embora o agricultor ainda tenha desejo de manter a herança cultural da família de cultivar a uva e produzir o vinho, a renda oriunda da venda da bebida é insuficiente para sustentação econômica da atividade, impactando no seu interesse em manter a herança familiar. A tendência é o desaparecimento da atividade.

4.1.6.2 – Cenário 2 – desafio constante

Corresponde ao ano de 2030 e o nível da renda decorrente da produção de vinho artesanal em Jundiaí em relação à de 2015 se mantém estável, o suficiente para cobrir os custos de produção para manutenção da atividade. O cultivo de outras frutas em complemento à cultura da uva para produção de vinho continua sendo uma opção de diversificação da renda e se mantém. O rendimento total do empreendimento garante o

sustento da atividade, mas não justifica o aumento da produção de vinho, já que tal fato implicaria em maior custo de venda, o que não seria conveniente para o agricultor. As regras para obtenção de linhas de crédito se mantêm nos níveis de 2015. Tais constâncias levam os agricultores a considerar, cada vez mais, suas participações em cooperativas com o objetivo de pleitearem melhores condições de crédito para o grupo. Cerca de 50% dos produtores fazem parte de cooperativas; ainda há relutância por parte de alguns deles quanto às vantagens do cooperativismo. Os produtores que fazem parte de cooperativas conseguem melhores condições com os fornecedores de insumos. Tendo em vista que a renda da produção se mantém, os agricultores conseguem recrutar mão de obra para a época da colheita, ainda que seja importando-a de outras áreas, com custo elevado. As entidades oficiais de assistência técnica se mantêm presentes no setor, uma vez que a atividade de produção de vinho artesanal se mantém estável. Os agricultores estão na segunda geração, com idade média na faixa dos 40-50 anos; os filhos desses agricultores estão relutantes quanto a manter a produção por duvidarem da sustentabilidade da atividade no futuro. O agricultor tem desejo de manter a herança familiar de cultivar a uva e produzir vinho; a sustentabilidade econômica da atividade não provém da renda gerada pela venda do vinho, mas do resultado da venda do serviço agregado proporcionado, principalmente pela loja e pela cantina. A manutenção da atividade tende a se configurar um desafio constante, muito semelhante aos padrões de 2015.

4.1.6.3 – Cenário 3 – produção incentivada

Corresponde ao ano de 2030 e aumenta o nível da renda decorrente da produção de vinho artesanal em Jundiaí em relação à de 2015. O cultivo de outras frutas em complemento à cultura da uva para produção de vinho aumenta e continua sendo uma opção de diversificação da renda. O agricultor busca novos tipos de frutas, além de outros itens que possibilitem aumentar o *mix* de produtos oferecidos. O agricultor busca tecnologias para aumento de produtividade sem aumento da área de cultivo, principalmente de fontes oficiais. O agricultor busca opções adicionais de diversificação no turismo ecológico, agroturismo,

enoturismo e hospedagem, objetivando o sustento da atividade. O vitivinicultor considera o aumento da produção de vinho, tendo em vista as novas opções de comercialização. As regras para obtenção de linhas de crédito se tornam menos conservadoras, comparativamente aos padrões vigentes para 2015. As fontes oficiais de financiamentos passam a oferecer linhas de seguro contra granizo e juros reduzidos para empreendimentos ligados ao turismo ecológico, agroturismo, enoturismo e hospedagem. Cerca de 50% dos produtores fazem parte de cooperativas; ainda há relutância por parte de alguns deles quanto às vantagens do cooperativismo. Os produtores cooperados conseguem melhores condições com os fornecedores de insumos. Tendo em vista que a renda da produção aumenta, o agricultor consegue recrutar mão de obra para a época da colheita, ainda que a custo elevado. Tais custos levam o agricultor a contratar mão de obra ociosa na região, além de pleitear apoio oficial para contratação de estudantes durante o período de safra. Uma vez que a atividade de produção de vinho artesanal está crescendo, as entidades oficiais de assistência técnica se mantêm presentes no setor e começam a oferecer programas de capacitação focados nas necessidades específicas de Jundiaí. Os agricultores estão na segunda e terceira gerações, com idade média na faixa dos 30-40 anos; os filhos desses agricultores apresentam algum interesse, mas pouco comprometimento na manutenção da atividade, em decorrência de dúvidas quanto à sua sustentabilidade no futuro. Embora o agricultor tenha grande desejo de manter a herança familiar de cultivar a uva e produzir vinho, ele passa a enfrentar o dilema de manutenção da herança familiar *versus* a evolução para um novo contexto de demanda econômica. A produção de vinho artesanal tende a deixar de ser foco para se tornar consequência (agroturismo, restaurante, hospedagem). A manutenção da atividade tende a se manter de forma incentivada.

4.1.6.4 – Cenário 4 – renascimento

Corresponde ao ano de 2030 e aumenta o nível da renda decorrente da produção de vinho

artesanal em Jundiaí em relação à de 2015. Cresce o cultivo de outras frutas em complemento à cultura da uva para produção de vinho a título de opção de diversificação da renda; o foco do agricultor está na busca por novas tecnologias para aumento de produtividade sem aumento da área de cultivo. O turismo ecológico, agroturismo, enoturismo e hospedagem fazem parte do *mix* de produtos; o foco do produtor, porém, está na profissionalização destes. O vitivinicultor considera o aumento da produção de vinho condicionalmente à demanda das opções de comercialização. São consolidadas as regras menos conservadoras para obtenção de linhas de crédito com base na demanda de mercado, e não em políticas oficiais de subsídio. Cerca de 75% dos produtores fazem parte de cooperativas, assegurando melhores condições aos fornecedores de insumos. A força do setor e das suas cooperativas de produtores levam os órgãos oficiais a criar políticas de fomento às questões de origem e de *terroir*⁵, referente ao vinho de Jundiaí. Tendo em vista que a renda da produção aumenta, o agricultor consegue recrutar mão de obra para a época da colheita, tanto na região como por meio de parcerias com instituições de ensino para contratação de estudantes durante o período de safra. Uma vez que a atividade de produção de vinho artesanal está crescendo, as entidades oficiais de assistência técnica se mantêm presentes no setor e consolidam a oferta de programas de capacitação focados nas necessidades específicas de Jundiaí. Os membros das famílias dos agricultores responsáveis pela gestão do empreendimento visam à profissionalização da atividade, buscando no mercado qualificações que possam fazer o negócio da família crescer. O perfil dos parentes do agricultor responsáveis pela gestão do negócio da família é empreendedor e estes têm interesse não só na manutenção da atividade como na diversificação e expansão do negócio da família. O desejo do agricultor em manter a herança familiar de cultivar a uva e produzir vinho deixa de ser prioritário – o aspecto da herança cultural familiar passa a ser um apelo de *marketing*. A herança familiar da produção de vinho artesanal cede lugar à ênfase na eficiência de processos produtivos, gestão dos custos e comercialização. A atividade tende a renascer com uma nova roupagem.

⁵Referindo-se ao vinho, o termo adquire significados como: "solo apto à produção de um vinho", "um gosto particular que resulta da natureza do solo onde a videira é cultivada" (TONIETTO, 2007).

4.1.7 – Identificação de indicadores temporais

De acordo com Ringland (1998), é muito importante saber, o mais breve possível, qual dos diversos cenários está mais próximo do curso da história, à medida que esta se desenrola. Algumas vezes essa direção se apresenta como óbvia, especialmente em relação a fatores como a economia em geral; outras vezes, porém, os indicadores de maior representatividade para um dado cenário podem ser bastante sutis.

As principais incertezas condicionantes dos cenários propostos estão inseridas no ambiente econômico/legal; as mudanças pelas quais possam vir a passar são, em geral, sutis e de acompanhamento não muito fácil, visto que necessitam de monitoramento constante, regular e perene. Nesse contexto, é importante lembrar que os fatores econômicos são os que exercem maior impacto, tanto na atividade vitivinícola de Jundiaí propriamente dita, como também nos fatores socioculturais.

Dessa forma, o monitoramento das atividades agrícolas da região, no sentido de detectar eventuais aumentos nas áreas de cultivo de frutas como figo, goiaba, caqui, pêssego e morango, pode sinalizar aumento da demanda, bem como vir a fomentar o crescimento do mercado de frutas em complemento à uva para produção de vinho.

Outro fator importante, embora de difícil monitoramento, é a renda dos vitivinicultores de Jundiaí: aumento da renda pode sinalizar mercado em crescimento e a principal dificuldade de monitoramento está na situação de informalidade de muitos agricultores da região. Outro item a ser monitorado é a questão da oferta de linhas de crédito – tendo em vista que as principais linhas de crédito disponíveis para os agricultores de Jundiaí são oferecidas pelo Fundo de Expansão do Agronegócio Paulista – o Banco do Agronegócio Familiar (FEAP/BANAGRO) (SÃO PAULO, 2016), e um acompanhamento dessas atividades não deve apresentar maiores dificuldades.

Um exemplo da importância do monitoramento regular, tanto da disponibilidade de linhas de crédito oficiais e subsidiadas, quanto da sua utilização, pode ser observado ao se compararem alguns dos trabalhos científicos ligados ao tema da produção do vinho artesanal em Jundiaí. Enquanto Junqueira Filho (2006, p. 67) afirma, no ano de 2006, que “todas as famílias têm desenvol-

vido sua atividade produtiva sem auxílio financeiro de terceiros, somente com capital próprio”; Otani et al. (2011, p. 32) destacam, no ano de 2011, “a importância para o setor da disponibilidade de linhas de crédito oferecidas pelo FEAP para fruticultura, agroindústria e turismo rural”; e Minke (2016) discorre, já em 2016, sobre o potencial de crescimento para o setor possibilitado pela recente aquisição da AVA por meio de recursos oficiais, (“uma estrutura móvel para envase do vinho”). Isso ilustra três situações que retratam a mudança do cenário ao longo de um período de dez anos.

A questão da participação dos agricultores nas cooperativas de Jundiaí bem como uma maior demanda de assistência técnica oficial são, também, dois outros indicadores a serem monitorados, visto que podem sinalizar, ainda que de forma sutil, uma tendência de crescimento da atividade.

Nesse ponto é importante lembrar que o monitoramento dos indicadores acima sugeridos de forma isolada pode não ser suficiente para retratar mudanças significativas no cenário. Por outro lado, se observados de forma integrada e considerando itens do cenário sociocultural, esses indicadores podem se converter em uma ferramenta eficaz no acompanhamento do desenrolar da história.

Finalmente, ainda no âmbito do ambiente econômico/legal, outro fator de grande importância a ser observado como indicador é a questão da disponibilidade de mão de obra. Uma forma de acompanhar acontecimentos ligados a esse fator pode ser pela observação da demanda por cursos e atividades oferecidos pela Escola Técnica Benedito Storani, em Jundiaí, bem como pelo monitoramento do número de alunos. Essa instituição oficial de ensino vem desenvolvendo um programa dirigido especificamente à formação de mão de obra especializada na viticultura, além da construção de um laboratório especializado na produção do vinho.

Nesse contexto é importante destacar o papel de importância que governo do Estado de São Paulo pode exercer no setor vitivinícola de Jundiaí. No ano de 2008, por meio da então Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), atual Coordenadoria de Desenvolvimento Rural Sustentável (CDRS), o governo estadual realizou o Levantamento Censitário de Unidades de Produção Agrícola (LUPA) que, desde então, era o único retrato do cenário agropecuário paulista. Em

2016, a Secretaria de Agricultura e Abastecimento do estado anunciou que, a partir do mês de agosto, vem conduzindo uma atualização do LUPA, o que significa um recenseamento com o objetivo de retratar a atual situação do setor. No cenário objeto deste trabalho, tanto a CDRS (antiga CATI) como as Casas de Agricultura podem exercer papel de grande importância no monitoramento regular dos indicadores sugeridos, tendo em vista sua capilaridade no atendimento direto oferecido ao agricultor.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais desta pesquisa buscam sintetizar as contribuições do estudo para o preenchimento das lacunas apontadas por duas questões: 1) quais são os fatores determinantes da decisão empresarial do vitivinicultor em Jundiaí de dar continuidade ou não no cultivo da uva para produção de vinho artesanal?; e 2) como poderá ser o cenário da vitivinicultura em Jundiaí em 2030?”. Com base nelas, a pesquisa foi dividida em duas etapas.

Na primeira, o trabalho inicialmente se propôs a identificar os fatores determinantes da decisão do vitivinicultor de Jundiaí a dar continuidade ou não no cultivo da uva para produção de vinho, atividade esta recebida como herança cultural de seus antepassados.

Dentre os resultados, os fatores que mais se destacaram, na percepção dos produtores, como sendo aqueles de maior importância para sua continuação na atividade de produção de vinho artesanal, foram: 1) o fator econômico de disponibilidade de mão de obra qualificada; 2) o fator sociocultural da idade do produtor, juntamente com a disposição dos filhos de dar continuidade no negócio, e o fator socioeconômico da herança cultural de cultivo da uva para produção de vinho; 3) o fator legal de disponibilidade de linhas de crédito; e 4) o fator econômico de renda obtida por meio da venda do vinho artesanal. Todos esses resultados são coerentes com os trabalhos de Verdi et al. (2009), Otani et al. (2011), Otani, Arraes e Verdi (2007), Otani (2010) e Rodrigues (2004).

Na segunda etapa, a pesquisa forneceu subsídios analíticos e metodológicos para se pensar futuros alternativos para a vitivinicultura em Jundiaí. Dois temas ou incertezas puderam ser

identificados como dominantes para influenciar o futuro do macroambiente e da estrutura de produção de vinho artesanal em Jundiaí: os contextos econômico/legal e sociocultural, condicionantes dos quatro cenários futuros.

É possível observar, de modo geral, que as perspectivas para a vitivinicultura em Jundiaí, embora incertas, podem ser vistas como otimistas. Tendo em vista que: 1) o vinho artesanal produzido na região pode ser incluído no grupo dos chamados vinhos para mesa ou de consumo corrente, e que este tipo de vinho responde por cerca de 80% do consumo nacional da bebida; e 2) a situação geográfica de Jundiaí, região bucólica, de apelo naturalista, situada entre Campinas e São Paulo, restringe a concretização do cenário 1. O cenário 2 retrata uma situação muito próxima ao cenário atual, em condições de se sustentar com algum apoio do poder público. O cenário 3 também depende do apoio oficial para se firmar. Por outro lado, para que a situação de desenvolvimento proposta pelo cenário 4 venha a se tornar realidade, um processo gradativo deve acontecer, necessariamente passando pelos cenários 3 e 4.

Nesse contexto, fica clara a importância que o poder público pode desempenhar no apoio a essa tradicional atividade agrícola do estado: seja por meio do fomento à criação de linhas especiais de crédito voltadas ao seguro rural e de incentivo ao turismo, seja por meio da execução e constante atualização do LUPA como ferramenta de apoio à tomada de decisão dos atores do setor, ou ainda, por meio da oferta de assistência técnica eficaz e eficiente ao pequeno agricultor.

A partir desses cenários, pode-se identificar oportunidades e ameaças de forma que os pontos fortes e fracos do setor possam ser analisados em cada cenário. Os agricultores também podem fazer uso deste estudo ao analisar, por exemplo, sua maior ou menor participação em cooperativas, bem como os impactos que um aumento de demanda pelo vinho artesanal pode gerar. Conforme pontuado por Wright e Spers (2006), essas possíveis situações futuras podem preparar os tomadores de decisão do setor na elaboração de estratégias, bem como no tratamento das incertezas de um ambiente em constante mudança, com o objetivo de assegurar resultados positivos.

Por fim, há limitações para esta pesquisa que podem, ao mesmo tempo, revelar pos-

síveis opções futuras de estudo. A proposição dos cenários baseou-se, principalmente, em pesquisa qualitativa, embora a primeira parte do trabalho tenha fornecido dados estatísticos como apoio às descobertas qualitativas. Um maior número de dados quantitativos como, por exemplo, nível de renda, áreas de produção, quantidades produzidas e comercializadas, dentre outros, pode ser incluído na análise com o objetivo de fornecer uma base mais tangível para um planejamento estratégico.

Tendo em mente que o setor vitivinícola de Jundiá é composto por diversos pequenos empresários agricultores e, nas palavras de Ribeiro (2006), ao citar Schoemaker (1995), ao olharmos para o futuro, devemos considerar três características de conhecimento: a) coisas que sabemos;

b) coisas que sabemos que não sabemos; e c) coisas que não sabemos que sabemos. Vários vieses, tais como confiança excessiva e tendência a buscar evidências confirmatórias, contaminam as três características de conhecimento, sendo que a terceira provoca os maiores estragos nas empresas. Embora não existam técnicas e metodologias à prova de falhas, o enfoque de atenção sobre as duas últimas características acima, proporcionará resultados positivos nas empresas. É justamente nesse ponto que o planejamento por cenários se apresenta como solução ideal para as empresas, já que internaliza a busca constante por sinais de mudança, levando em conta as características da sociedade, da economia globalizada e de tantos outros fatores críticos de sucesso, principalmente, nesta era do conhecimento.

LITERATURA CITADA

CORDEIRO, N. R. **Construção de um modelo de gestão estratégica para organizações prestadoras de serviços utilizando o balanced scorecard, o gerenciamento de processos e o marketing de relacionamento**. 2001. 171 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/80098>. Acesso em: 25 ago. 2020.

INGLEZ DE SOUSA, J. S. et al. **Uvas para o Brasil**. Piracicaba: FEALQ, v. 1, 791 p., 1996.

INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA. **Banco de dados**. São Paulo: IEA, 2015. Disponível em: http://ciagri.iea.sp.gov.br/nia1/subjectiva.aspx?cod_sis=1&idioma=1. Acesso em: 22 nov. 2020.

JUNQUEIRA FILHO, F. O. D. **A influência da regionalidade como fator de desenvolvimento de micro e pequenas empresas. Um estudo de caso do APL vinícola de Jundiá – SP. 2006**. 105 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 2006. Disponível em: https://www.uscs.edu.br/pos-stricto-sensu/ppga/mestrado-em-administracao/acervo/2006/DISSERTACAO_FRANCISCO_OSCAR_DINIZ_JUNQUEIRA_FILHO.pdf. Acesso em: ago. 2020.

KATO, J. M. Um modelo para a construção de cenários aplicada à Indústria de Transportes Rodoviários de Cargas no Brasil. **Revista da FAE**, Curitiba, v. 10, n. 2, p.179-197, jul./dez. 2007.

MINKE, P. Cooperativa de Jundiá adquire envasadora móvel de vinho, inédita no País, pelo Projeto Microbacias II. **Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo**, São Paulo, 24 maio 2016. Disponível em: <https://www.agricultura.sp.gov.br/noticias/cooperativa-de-jundi-ai-adquire-enzasadora-movel-de-vinho-inedita-no-pais-pelo-projeto-microbacias-ii>. Acesso em: 18 jul. 2016.

OTANI, M. N.; ARRAES, N. M.; VERDI, A. Organização e Sustentabilidade da Agricultura Familiar em Espaços Peri-urbanos: O Caso da Vitivinicultura de Jundiá. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 45., 2007, Londrina. **Apresentação oral**. Londrina: SOBER, 2007. p. 1 - 15.

OTANI M. N. **Estratégias de reprodução social em áreas periurbanas: os produtores de vinho artesanal comercial em Jundiaí**. 103 p. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável) – Faculdade de Engenharia Agrícola, Unicamp, Campinas, 2010.

_____. et al. Ambiente Institucional da Vinicultura Artesanal em Jundiaí, Estado de São Paulo. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 25-36, mar. 2011. Disponível em: <http://www.iea.sp.gov.br/ftpiea/publicacoes/IE/2011/tec3-0311.pdf>. Acesso em: ago. 2020.

PORTO, C. Macrocenários da Amazônia 2000-2020. **Parcerias Estratégicas**, Brasília, v. 6, n. 12, p. 185-213, 2010. Disponível em: http://seer.cgee.org.br/index.php/parcerias_estrategicas/article/viewFile/190/184. Acesso em: ago. 2020.

RIBEIRO, M. de P. M. Planejamento por cenários: uma ferramenta para a era do conhecimento. **Revista Intersaberes**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 186-202, jan./jun. 2006. Disponível em: <https://www.uninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/download/93/67>. Acesso em: 9 out. 2016.

RINGLAND, G. **Scenario Planning: Managing for the future**. Chichester: John Wiley & Sons, Hoboken, 1998.

RODRIGUES, V. L. G. S. **Os caseiros de Vinhedo: empregado doméstico e trabalhador rural**. Campinas: s. n., 2004. 24 p. Disponível em: site. Acesso em: 10 maio 2021.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Instituto de Economia Agrícola. Coordenadoria de Desenvolvimento Rural Sustentável. **Projeto LUPA 2008/09: Censo agropecuário do Estado de São Paulo**. São Paulo: SAA: IEA: CDRS, 2009. Disponível em: <http://www.cdrs.sp.gov.br/projetolupa/>. Acesso em: 25 ago. 2020.

_____. Secretaria de Agricultura e Abastecimento. **Fundo de Expansão do Agronegócio Paulista o Banco do Agronegócio Familiar**. São Paulo, SAA, 2016. Disponível em: <https://www.agricultura.sp.gov.br/media/13379-condicoes-gerais-dos-financiamentos-feap-banagro-31-10-2018-1.pdf>. Acesso em: 10 maio 2021.

SCHOEMAKER, P. J. H. Scenario Planning: A Tool for Strategic Thinking. **Sloan Management Review**, v. 36, n. 2, p. 25-40. Winter, Boston, 1995. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/220042263_Scenario_Planning_A_Tool_for_Strategic_Thinking. Acesso em: ago. 2020.

SILVA, A. T. B. da et al. Cenários prospectivos para o comércio internacional de etanol em 2020. **Revista de Administração (São Paulo)**, São Paulo, v. 48, n. 4, p. 727-738, out./dez. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-21072013000400008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: ago. 2020.

SPERS, R. G.; WRIGHT, J. T. C.; AMEDOMAR, A. de A. Scenarios for the Milk production chain in Brazil in 2020. **Revista de Administração (São Paulo)**, São Paulo, SP, v. 48, n. 2, p. 254-267, abr.-jun. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-21072013000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: ago. 2020.

STAKEHOLDER THEORY. About. **Stakeholder Theory**, 2020. Disponível em: <http://stakeholdertheory.org/about/>. Acesso em: 27 dez. 2019

TONIETTO, J. Afinal, o que é Terroir?. **Bon Vivant**, Flores da Cunha, v. 8, n. 98, p. 8, abr. 2007.

VERDI, A. R. et al. Desenvolvimento Territorial da Aglomeração Vitivinícola de Jundiaí: Quais Recursos Valorizar? In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 47., 2009, Porto Alegre. **Artigo**. Porto Alegre: SOBER, 2009. p. 1-12.

_____. et al. Cadeia Vitivinícola Paulista. **Revista de Economia Agrícola**, São Paulo, v. 59, n.1, p. 79-95, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.iea.sp.gov.br/ftp/iea/rea/2012/rea1-5-12.pdf>. Acesso em: ago. 2020.

WRIGHT, J. T. C.; GIOVINAZZO, R. A. Delphi - Uma ferramenta de apoio ao planejamento estratégico. **Revista de Gestão USP: Cadernos de Pesquisa em Administração**, São Paulo, SP, v. 1, n. 12, p.54-65, 2º trim. 2000.

_____.; SPERS, R. G. O país no futuro: aspectos metodológicos e cenários. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 20, n. 56, p. 13-28, jan.-abr. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000100003. Acesso em: ago. 2020.

CENÁRIOS FUTUROS PARA A VITIVINICULTURA EM JUNDIAÍ, ESTADO DE SÃO PAULO: perspectivas para a produção de vinho artesanal

RESUMO: O município de Jundiaí ocupou a posição de liderança na produção vitivinícola paulista desde o início da chegada dos imigrantes italianos, por volta de 1930, até 2008, quando a quantidade de uva produzida começou a cair. Diante desse contexto de queda de produção, alguns stakeholders do setor começaram a se mobilizar na tentativa de reverter o quadro. Um dos resultados dessa mobilização foi a realização do Censo Paulista de Vitivinicultura, realizado em 2009. Diversos fatores parecem ter contribuído para que a tentativa de retomada do crescimento da atividade vitivinícola paulista não tenha obtido o sucesso esperado para a região de Jundiaí. Passados dez anos da realização do Censo Paulista de Vitivinicultura, diante do aparente baixo desempenho do setor no Estado de São Paulo e mesmo no contexto brasileiro, este trabalho se propõe a retratar os resultados de pesquisa realizada apresentando considerações sobre os principais fatores que, aos olhos do próprio vitivinicultor de Jundiaí, são cruciais em sua decisão de continuar ou não a atividade herdada da família e, a partir desses fatores, oferecer cenários alternativos para o setor em um horizonte de 15 anos, de forma que tais dados possam subsidiar a formulação de políticas públicas voltadas à essa atividade agrícola tradicional do Estado de São Paulo.

Palavras-chave: vitivinicultura, vinho artesanal, vinho artesanal de Jundiaí, cenários, estudos do futuro, prospecção.

FUTURE SCENARIOS FOR VITIVINICULTURE IN JUNDIAÍ: perspectives on the performance of artisanal wine producers in the region

ABSTRACT: The municipality of Jundiaí has held the leading position in São Paulo wine production since the arrival of Italian immigrants around 1930 until 2008 when the amount of grapes grown began to fall. In view of this falling production, some industry stakeholders began to mobilize in an attempt to reverse the picture. One of the results of this mobilization was the conduction of the "São Paulo Vitiviniculture Census" held in 2009. Several factors seem to have contributed to the attempt to resume the growth of São Paulo's wine activity not having achieved the expected success for Jundiaí. Ten years after the accomplishment of São Paulo Vitiviniculture Census, in view of the apparent low performance of the sector in the State of São Paulo and even in the Brazilian context, this paper aims to portray the results of research carried out presenting considerations about main factors that, to Jundiaí's winemaker own eyes, are crucial in their decision to continue or not with family inherited activity and, based on these

factors, offer alternative scenarios for the sector over a 15-year horizon, so that such data may be used to support formulation of public policies aimed at this traditional agricultural activity of the state of São Paulo.

Key-words: *vitiviniculture, artisanal wine, artisanal wine from Jundiaí, scenarios, future studies, prospection.*

Recebido em 29/12/2019. Liberado para publicação em 26/10/2020.

COMO CITAR

BOCCHINO NETO, E. Cenários Futuros para a Vitivinicultura em Jundiaí, Estado de São Paulo: perspectivas para a produção de vinho artesanal. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 51, p. 1-22, eie012020, 2021. Disponível em: **colocar o link do artigo**. Acesso em: **dd.mmm.aaaa**.